

«Não, não somos jornalistas».

*Uma introdução à utilização do diário de campo e da fotografia na pesquisa sociológica*¹

João Queirós*

Vanessa Rodrigues**

1. Introdução

A afirmação da multidimensionalidade e heterogeneidade dos fenómenos sociais constitui hoje um dos traços dominantes do discurso sociológico, o que explica por que razão cresce de forma tão significativa o número dos que, abandonando as esgotadas oposições entre *estrutura* e *agência*, *objectivismo* e *subjectivismo*, *explicação* e *interpretação*, defendem activamente o “eclectismo metodológico” e a necessidade de conjugação de procedimentos de pesquisa diversificados².

“Se é legítimo desconfiar das concepções positivistas que encontram nas estatísticas o alfa e ómega da cientificidade, também nos parece inadequado resvalar para um «anti-cientismo» totalmente confiante na veracidade da expressividade do ponto de vista do agente”³. A solução para o problema passa, então, pela superação das limitações de cada um destes posicionamentos polares, através da multiplicação dos caminhos metodológicos a percorrer e da aposta na complementaridade e integração dos dispositivos de pesquisa a accionar, pondo em prática o que Madureira Pinto aduz quando afirma que “um *bom método*

¹ Comunicação apresentada na Conferência *Etnografias em Contexto Urbano: quatro estudos de caso*, organizada pelo Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto a 8 de Março de 2006.

* Sociólogo. Bolseiro de Investigação do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do Projecto POCI/SOC/58668/2004 *Transformações Sociais numa Colectividade Local do Noroeste Português*, co-financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo FEDER através do Programa POCI 2010.

** Socióloga. Estagiária do Instituto do Emprego e Formação Profissional.

² Cf. José Madureira Pinto, “Questões de Metodologia Sociológica (I)”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 1, 1984, pp. 29 e segs. Cf. ainda João Teixeira Lopes, *A Cidade e a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000, pp. 189 a 191.

³ João Teixeira Lopes, *op. cit.*, 2000, p.190.

não pode deixar de ser um compromisso, estabelecido em função do objecto, das hipóteses a investigar e dos *níveis analíticos exigidos pela demonstração científica*, entre as virtualidades e as limitações das mesmas técnicas”⁴.

Semelhante preocupação deve acompanhar a gestão das relações entre a reflexão teórica e o processo de pesquisa empírica. *Teoria e empiria* devem interligar-se e interpenetrar-se ao longo de toda a investigação, num vaivém permanente capaz de não apenas controlar possíveis enviesamentos resultantes da reificação das formas de mobilização das técnicas, mas simultaneamente de enriquecer a reflexão teórica e a sua função de comando, através da integração e problematização dos contributos obtidos ao longo da pesquisa de terreno. O desenvolvimento de uma “prática não empirista da pesquisa empírica”, capaz de romper com o positivismo e, simultaneamente, com o dogmatismo de uma teorização pretensamente soberana e inviolável, depende necessariamente da assunção do carácter “circular” das relações entre a teoria e o processo de demonstração empírica, como, de resto, Madureira Pinto faz questão de realçar⁵.

O programa de pesquisa que serve de ponto de partida à reflexão que aqui apresentamos é o que decorreu da investigação desenvolvida no quadro do Seminário de Investigação em Políticas e Práticas Culturais do 5º ano da licenciatura em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A dissertação de licenciatura que dessa investigação resultou, intitulada *Recriar a Cidade. Dinâmicas culturais emergentes e reabilitação urbana da Baixa do Porto*, pretendeu reflectir sobre o modo como as cidades contemporâneas simultaneamente *condensam* e *catalisam* as mudanças globais, num contexto de intensa competição interurbana e de revalorização do espaço urbano como espaço de produção e reprodução das lógicas de funcionamento do capitalismo⁶.

A aproximação ao tema fez-se através da problematização das relações entre cultura e reabilitação urbana, hoje elementos centrais na definição das políticas de organização e gestão das cidades. Ancorado na análise dos pontos de vista dos intermediários culturais responsáveis por boa parte do dinamismo recente da cultura portuense, o estudo procurou evidenciar o papel - real ou potencial - das associações, projectos e espaços culturais emergentes nas operações de reabilitação urbana da Baixa do Porto, procurando compreender simultaneamente o (des)ajustamento dos seus objectivos e lógicas de funcionamento com os objectivos do campo político e o conjunto das consequências - previstas ou não - desta articulação.

A complexidade do objecto de estudo, associada à necessidade de encontrar vias de operacionalização dos principais objectivos e coordenadas teóricas da pesquisa, obrigou-nos a multiplicar as estratégias metodológicas, procurando a conciliação entre operações técnicas de índole eminentemente qualitativa e outras de pendor mais quantitativo. A opção teórico-metodológica pela análise dos pontos de vista dos novos intermediários culturais da Baixa do Porto acabou, contudo, por nos fazer privilegiar uma metodologia mais intensiva de análise, assente na utilização da entrevista como recurso técnico central. A consciência de que, como diria Bourdieu, os pontos de vista são sempre *vistas a partir de um ponto* compeliu-nos, contudo, a cruzar as informações recolhidas através das entrevistas com os dados fornecidos

⁴ José Madureira Pinto, *art. cit.*, 1984, p. 32 (itálicos no original).

⁵ Cf. José Madureira Pinto, *art. cit.*, 1984, pp. 16 a 19.

⁶ A referida dissertação de licenciatura encontra-se publicada *online* e pode ser consultada em <http://www.letras.up.pt/isociologia/documentos/RecriarCidade.pdf>.

por outras fontes. Neste sentido, a análise documental de fontes estatísticas e de outros materiais recolhidos, a observação directa e a redacção de notas de campo, bem como o recurso à fotografia social, constituíram elementos essenciais à materialização - dentro dos limites estabelecidos pelo enquadramento teórico e institucional da pesquisa - desse eclectismo metodológico que, embora alvo de recorrentes *declarações de amor*, nem sempre encontra realização prática e consequente.

A valorização do processo de pesquisa empírica, que se prolongou por cerca de cinco meses - da fase exploratória à fase de visita aos espaços e associações e de entrevista aos intermediários culturais -, no quadro de uma assumida mas não dogmática defesa da função de comando da teoria, possibilitou que nos confrontássemos com elementos empíricos que, não raras vezes, nos levaram a questionar os caminhos teórico-metodológicos previamente traçados. As intrincadas ruas da Baixa do Porto foram-no também do ponto de vista da pesquisa; mais do que meros marcos de um roteiro sociológico pré-definido, afirmaram-se como palcos de descoberta e de exploração de caminhos até então impensados. Merton falava no efeito “*serendipity*” da análise dos fenómenos sociais⁷; e a verdade é que a novidade, o imprevisto, a dúvida, a hesitação, a redefinição dos trilhos teórico-metodológicos a seguir, caminharam lado a lado com a confirmação da adequação de muitas das nossas opções.

Se é verdade que é preciso fazer perguntas à realidade para que esta nos responda, não é menos verdade que as respostas que a realidade nos fornece são frequentemente mais ricas e complexas do que as perguntas inicialmente formuladas fariam antever, exigindo do investigador social um esforço acrescido de problematização e racionalização do real concreto⁸. A utilização cuidada de técnicas como a redacção de notas de campo ou a fotografia pode, sem sombra de dúvida, constituir um sólido elemento de apoio a este esforço. É, pois, sobre essas técnicas que nos debruçaremos de seguida.

2. A observação directa e a redacção de notas de campo

Processo de recolha de informação transversal a todos os momentos do trabalho de terreno, a observação directa dos contextos físicos e simbólicos directa ou indirectamente associados ao nosso objecto de estudo decorreu de forma bastante extensiva, assumindo-se simultaneamente como complemento e contraponto dos dados recolhidos através da mobilização dos outros recursos técnicos seleccionados. Desenvolvendo-se ao longo de um contínuo que foi do “vadiar sociológico”⁹ pela Baixa do Porto à caracterização bem mais estrita das situações de entrevista, o trabalho de observação directa visou essencialmente a captação de alguns aspectos visíveis das formas através das quais as mudanças globais do sistema capitalista se têm materializado no contexto territorial específico que o Porto constitui. Se, como sublinha a hipótese de fundo anteriormente avançada, as cidades *localizam* as mudanças globais,

⁷ Robert Merton, *Éléments de Théorie et de Méthode Sociologique*, Paris, Plon, 1965.

⁸ “Na verdade, ao suscitar (inintencionalmente) novos problemas, essa dinâmica [da pesquisa empírica] pode impor a construção de soluções teóricas até aí impensadas, embora compatíveis com o espaço de disponibilidade conceptual da matriz, ou, mais simplesmente, promover a clarificação de conceitos que a esta já pertençam; como também pode exigir a reformulação parcial da teoria, ou mesmo, no limite, a sua reestruturação global e refutação em sentido forte, sempre que a inércia da observação revele uma irreversível e intolerável acumulação de contradições teóricas não resolvidas”. José Madureira Pinto, *art. cit.*, 1984, p. 19. Para um desenvolvimento da análise sobre este tema, e porque o aprofundamento da reflexão não se coaduna com os objectivos e limitações deste artigo, cf. os sempre actuais artigos de José Madureira Pinto, “Questões de Metodologia Sociológica (I), (II), (III)”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.ºs 1, 2 e 3, 1984 e 1985.

⁹ Expressão de José Machado Pais, *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS, 2002.

fenómeno a que o Porto - como cidade que é - obviamente não pode escapar, então certamente tais mudanças encontram tradução concreta em realidades físicas, simbólicas e comportamentais passíveis de serem captadas por um trabalho de observação minimamente sistemático.

Foi precisamente com esta ideia em mente que nos lançámos no terreno. Em termos práticos, a assunção desta orientação teórico-metodológica traduziu-se, por um lado, na exploração da Baixa do Porto enquanto cenário concreto de expressão de dinâmicas políticas e culturais relacionadas com a temática da reabilitação urbana; por outro lado, a busca das traduções práticas das mudanças globais, concretamente no domínio da cultura, levou-nos a conceder particular atenção aos espaços culturais visitados, no quadro da análise mais vasta em torno dos novos intermediários culturais e do seu papel nos processos de reabilitação urbana da Baixa do Porto.

Genericamente, a observação directa visou o registo de elementos capazes de enriquecer a caracterização:

- da situação da Baixa do Porto em matéria de património imobiliário;
- das iniciativas *visíveis* de reabilitação urbana;
- das formas de organização e *regionalização* (em sentido goffmaniano) e das estéticas dos espaços, associações e projectos culturais estudados;
- da oferta cultural, das práticas e consumos dos públicos desses mesmos espaços;
- das formas de apresentação e comportamento, em sentido lato, dos intermediários culturais entrevistados.

Dada a assumida extensividade do trabalho de observação directa - e tendo em conta que apenas foram construídos instrumentos de recolha sistemática da informação para as observações em situação de entrevista -, as notas de campo vieram a afirmar-se como ferramentas privilegiadas de registo das observações e reflexões decorrentes do processo de pesquisa empírica.

“Processo de construção de sentido”¹⁰, a redacção de notas de campo, levada a cabo sem grandes preocupações de compartimentação e um pouco *ao sabor dos acontecimentos*, permitiu compilar um conjunto amplo de “notas substantivas”, “notas metodológicas” e “notas analíticas”¹¹ que desempenharam uma tripla função de:

- descrição dos actores e dos cenários físicos e simbólicos investigados;
- controlo epistemológico e avaliação da heurística dos procedimentos técnicos mobilizados;
- aprofundamento de reflexões teórico-metodológicas em torno do objecto de estudo (de forma muitas vezes pessoal e desestruturada, é certo, mas numa óptica de promoção da circularidade entre teoria e pesquisa empírica).

As “notas substantivas” ou “notas de observação”, para recorrer à terminologia de Schatzman e Strauss¹², visam precisamente reconstituir uma descrição da organização social, com o objectivo de caracterizar situações, actores e comportamentos. Eis alguns exemplos retirados das notas de campo compiladas ao longo da nossa investigação:

¹⁰ Luís Fernandes, “Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: as facetas da escrita etnográfica”, in Telmo H. Caria, (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 2002. p. 26.

¹¹ Cf. Robert Burgess, *A Pesquisa de Terreno. Uma introdução*, Oeiras, Celta Editora, 2001, pp. 182 e segs.

¹² Cf. Leonard Schatzman e Anselm L. Strauss, *Field Research. Strategies for a natural sociology*, Englewoods, Prentice Hall, 1973.

Uma cliente entrou na loja a meio da nossa conversa. Quando a vi, vi também o ideal-tipo de cliente da Retroparadise, um ideal-tipo que havia previamente formulado com base em algumas ideias e imagens difusas: roupas excêntricas, de múltiplas cores e com feitios estampados (pequenas flores, pelo que pude perceber), meias coloridas, sapatos amarelos (tipo “tamancos”), saco a tiracolo, penteado algo retro, comprido atrás e com uma franja muito curta que não chegava sequer a meio da testa. Entrou com ar de quem conhecia o espaço e dirigiu-se à parte das roupas, saindo pouco depois com um saco de compras na mão.

Àquela hora, o ambiente é tranquilo: jazz como música de fundo, poucos clientes, pouco movimento, a típica sonolência “pós-almoço”. Alguns operários de construção civil circulam pelo espaço, dando a entender que este se encontra em obras. Reparo que até os operários de construção civil estão vestidos de forma diferente da habitual, como se pretendessem ajustar-se ao “estilo Maus Hábitos”: um deles, seguramente com mais de 55 anos, veste t-shirt e calças de ganga largas (muito largas, daquelas que deixam os boxers à mostra) e calça uns ténis vermelhos (?!), do género dos que agora se usam muito, em camurça, coloridos e com uma sola muito fina de borracha. Talvez fossem apenas os meus olhos a estilizá-lo, mas enquadrava-se bem no ambiente...

As “notas analíticas” - ou “notas teóricas”, nas palavras de Schatzman e Strauss¹³ - condensam reflexões ou comentários acerca do modo como, ao longo da investigação, se processam e desenvolvem as relações entre *teoria* e *empiria*. Funcionam igualmente como repositório de linhas de perspectivação teórica a aprofundar e como meio de controlo da heurística das hipóteses de partida. Vejamos alguns exemplos de notas teóricas:

Ao subir a Rua Mouzinho da Silveira - e enquanto estávamos parados no trânsito -, nova interrogação surgiu (...): se o objectivo das operações de reabilitação urbana passa por recuperar o edificado e relançar a função residencial do Centro Histórico, como desencadear um processo realmente sustentável e global? Será que o público-alvo das operações de reabilitação urbana previstas pela SRU vai querer viver nas zonas menos glamourosas do Centro Histórico? É fácil imaginar que um gentrificador queira viver na Ribeira (com vista para o Rio), na Rua Mouzinho da Silveira, na Rua Infante D. Henrique, talvez na Rua das Flores ou junto ao Palácio da Bolsa. Mas... e nas outras ruas por que passámos? E nos becos e vielas mais tortuosas e marginais? O que fazer nestes casos? Sem uma intervenção global, o Centro Histórico ficará ainda mais clivado sob todos os pontos de vista...

¹³ Cf. Leonard Schatzman e Anselm L. Strauss, *op. cit.*

A visita ao espaço e a entrevista de hoje ajudaram a consolidar duas ideias que temos vindo a admitir como empiricamente sustentáveis:

1) As dinâmicas culturais emergentes na Baixa do Porto resultam da lógica e dinâmica próprias de alguns segmentos do campo cultural e artístico da cidade, muito ligados à FBAUP, à ESAD e também à ESAP, a alguns artistas emergentes e a pessoas que viajam ou viveram no estrangeiro e que, portanto, estão actualizadas quanto ao que se passa lá fora. (...)

2) A reabilitação da Baixa, das suas casas, dos seus espaços públicos, da sua animação, da sua cultura, pode não ser o primeiro objectivo desta gente, mas constitui um problema sobre o qual reflectem e que não deixa de estar presente bem no âmago das preocupações destes “mundos da arte e da cultura”. (...) Estamos perante pessoas que pensam a cidade e que imaginam uma cidade nova, diferente, recuperada pela arte e pela cultura, pelas mãos dos jovens artistas, daqueles que precisamente não têm medo de “sujar as mãos”. (...)

As “notas metodológicas”, por seu turno, visam responder a duas preocupações essenciais de qualquer investigador social: por um lado, reproduzem reflexões sobre a heurística e adequação epistemológica das técnicas mobilizadas ao longo do processo de pesquisa empírica, contribuindo igualmente para o esforço de auto-análise que a reflexão sobre o nosso próprio papel e posicionamento enquanto investigadores constitui; por outro lado, permitem alinhar caminhos metodológicos alternativos e perspectivar a mobilização de técnicas não previstas no dispositivo de pesquisa inicialmente programado. Os exemplos abaixo apresentados ilustram cada um destes tipos de notas metodológicas:

Algumas pré-noções que levo para a entrevista:

- Vou encontrar alguém que gosta de falar sobre si próprio e sobre as suas experiências pessoais e profissionais;

- O entrevistado vai insistir no carácter transcultural e socialmente transversal do seu espaço, afirmando que “é para todos” e que “toda a gente” o frequenta;

- O entrevistado vai criticar a cultura de iniciativa pública, nomeadamente a acção do actual Presidente da Câmara, e vai sublinhar a importância das dinâmicas culturais de iniciativa privada.

(...) Das três pré-noções que me lembro de ter “construído” antes da entrevista, confirmaram-se as segunda e terceira. (...) Quanto à ideia de “egocentrismo” deste tipo de entrevistados, talvez seja resultante de um certo preconceito face aos artistas e aos intermediários culturais. Talvez um resquício daquela imagem muito veiculada do artista fechado na torre de marfim, do intelectual pedante e egocêntrico... Eis uma questão a ter em conta nas próximas incursões ao terreno.

À saída, a Vanessa sugeriu uma démarche interessante: simular a procura de uma casa ou de um apartamento renovado (ou não) na Baixa do Porto. A ideia seria aferir, de forma concreta, as dificuldades (ou facilidades) que se colocam a quem quer comprar ou alugar um espaço nesta área da cidade, bem como conhecer mais a fundo os preços em vigor neste segmento do mercado imobiliário português. Poderá ser, de facto, um elemento de pesquisa interessante. Talvez quando estivermos mais próximos do final do trabalho de terreno...

Encaradas como ferramentas de trabalho, as notas de campo acabaram por revelar-se igualmente um óptimo “arquivo de ideias”¹⁴ e um ponto de apoio precioso da redacção do relatório final.

Em termos práticos, vale a pena reter alguns conselhos úteis a uma redacção frutífera de notas de campo:

- evitar a redacção das notas/diário de campo durante o processo de observação (pode ser embaraçoso e causar mal-estar junto dos observados); procurar elaborar notas mentais e criar mnemónicas para mais tarde escrever. De todo o modo, um pequeno bloco de notas será sempre um instrumento a levar para o terreno. Eventualmente, poderá ser utilizado um pequeno gravador.

- redigir o diário de campo na manhã seguinte - quando as observações são à noite - ou na noite do mesmo dia - quando as observações são de manhã ou à tarde.

- aproveitar tempos mortos, momentos de espera, deslocações nos transportes públicos, etc. para escrever.

- evitar a “autocensura”: devemos escrever tudo o que se nos afigura importante; a redacção de notas de campo deve ser assumida como uma tarefa séria e como um processo criativo.

- evitar o sobreuso do estilo narrativo: não se trata de escrever um romance, mas sim de desenvolver um processo analítico.

- a redacção das notas/diário de campo demora tempo e pode constituir uma tarefa aborrecida. Importa ser paciente e perseverante.

3. A fotografia social

Existem poucos guias e reflexões detalhadas sobre a utilização da fotografia social em trabalhos deste tipo. Tal facto reflecte a pouca importância que esta técnica continua a ter no conjunto dos procedimentos técnicos habitualmente mobilizados na pesquisa sociológica. No entanto, e como realça Harper, “muitas categorias sociológicas são baseadas em fenómenos observáveis e, na verdade, muitos destes fenómenos podem ser mais bem compreendidos se forem fixados em imagens fotográficas do que apresentados por escrito num caderno de campo”¹⁵.

Segundo Wagner, as ciências sociais podem utilizar a fotografia fundamentalmente de cinco modos distintos¹⁶:

- como estímulo fornecido aos interlocutores do investigador (em contexto de entrevista);
- como forma de registo sistemático de situações e/ou comportamentos;
- como desafio à reflexão analítica (no caso de fotografias *naïve*, ou seja, recolhidas sem objectivos sociológicos prévios);
- para criação de imagens pelos próprios actores estudados;

¹⁴ Robert Burgess, *op. cit.*, 2001, p. 182.

¹⁵ Harper, citado por Raymond M. Lee, *Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social*, Lisboa, Gradiva, 2003, p. 87.

¹⁶ Cf. Wagner, J., *Images of Information. Still photography in the social sciences*, Beverly Hills, Sage Publications, 1979.

- para construção de *teorias narrativas visuais* (aqui entendidas no sentido antropológico e, portanto, mais tradicional do termo).

No estudo ao qual temos vindo a reportar-nos, a utilização da fotografia social assentou em dois grandes objectivos: por um lado, visou documentar a investigação com registos perenes da realidade observada, apoiando assim a sua caracterização e problematização; por outro lado, visou reforçar a heurística do processo de pesquisa, ao sugerir novas dimensões de análise e novos questionamentos a colocar ao fenómeno observado e fotografado. O “princípio de interrogação da documentação fotográfica” de que fala Suchar refere-se a um “processo interactivo através do qual as fotografias são usadas como modo de resposta ou de formulação de questões acerca de um assunto particular”¹⁷. Neste sentido, a função heurística do recurso à fotografia social aproxima-se dos procedimentos analíticos da “teoria fundada” [*grounded theory*] de Glaser e Strauss¹⁸, na medida em que permite o enriquecimento e a inovação teórica a partir dos elementos empíricos recolhidos.

No nosso caso, e sendo verdade que as fotografias foram tiradas sem recurso a um guião previamente estabelecido, num processo caracterizado por uma grande espontaneidade, o recurso à fotografia social obedeceu a alguns pressupostos teórico-metodológicos. Assim, foram tiradas fotografias nos diversos espaços culturais visitados, com o objectivo de apoiar a caracterização resultante da observação directa. O recurso à fotografia estendeu-se também às ruas da Baixa do Porto, onde o objectivo foi sobretudo o de documentar a situação *visual* do território, nomeadamente dos aspectos que, de alguma forma, fossem capazes de remeter para o tema da reabilitação urbana (condições do património edificado, operações de reabilitação, promoção imobiliária, situação dos espaços públicos, etc.). As fotografias recolhidas foram posteriormente indexadas e analisadas, tendo sido elaborada uma ficha de sistematização para cada fotografia onde consta, para além dos dados relativos ao processo de recolha, uma pequena síntese interpretativa do seu conteúdo.

Figura 1 Exemplo de ficha de fotografia

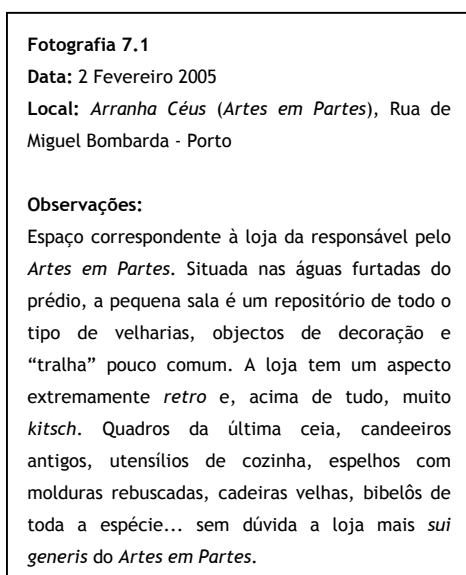
<p>Fotografia 7.8 Data: Verão 2004 Local: Rua de Passos Manuel - Porto</p> <p>Observações: O edifício da Garagem Passos Manuel, recentemente recuperado no âmbito do Programa <i>Porto Com Pinta</i>, da Câmara Municipal do Porto. No 4º andar, o <i>Maus Hábitos</i>, um dos mais ferverhantes espaços da <i>nova cultura</i> portuense. Também um exemplo de como os novos espaços culturais podem contribuir para a recuperação do parque edificado da Baixa do Porto, concretamente de alguns dos seus mais emblemáticos edifícios.</p>
--



¹⁷ Suchar, citado por Raymond M. Lee, *op. cit.*, p. 89.

¹⁸ Cf. Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss, *The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*, Nova Iorque, Aldine de Gruyter, 1967.

Figura 2 Exemplo de ficha de fotografia



© Vanessa Rodrigues, 2005

Para além de cumprirem os objectivos anteriormente enunciados, as fotografias recolhidas nos diversos contextos investigados permitir-nos-ão ainda desenvolver uma análise diacrónica de alguns dos temas explorados no estudo: uma vez que as fotografias congelam no tempo um instante e uma situação particulares, passou a ser possível acompanhar os processos de mudança social que venham a caracterizar os cenários agora fotografados, bastando para tal que repitamos periodicamente a recolha fotográfica.

De um ponto de vista prático, a utilização da fotografia ou do vídeo na pesquisa sociológica deve ter em atenção um conjunto de pressupostos que importa assegurar¹⁹:

- Obter autorização prévia para fotografar ou filmar e para tornar público o material recolhido; esta autorização deve surgir após um pedido baseado na apresentação clara dos objectivos da pesquisa.

- Catalogar todas as fotografias com o máximo de informação (data, local, descrição, intervenientes, etc.); manter uma listagem de todas as fotografias e aproveitar os meios informáticos ao dispor para tratamento e indexação de registos audiovisuais.

- No caso dos registos vídeo, ter em atenção não apenas a qualidade da imagem, mas igualmente a qualidade do som.

- Não permitir que o entusiasmo com a ideia de “tirar fotografias” ou “fazer um vídeo” domine a pesquisa; os materiais visuais devem ser meios e não fins em si.

- Não introduzir o vídeo ou a fotografia numa pesquisa a não ser que seja efectivamente importante; a fotografia e o vídeo “distraem” e conduzem frequentemente a comportamentos não naturais.

¹⁹ Cf. Peter Loizos, “Video, film and photographs as research documents”, in Bauer, Martin W. e Gaskell, George, *Qualitative Researching With Text, Image and Sound. A practical handbook*, Londres, Sage Publications, 2000, pp. 105 e 106.

- Muitas vezes, a fotografia e o vídeo são introduzidos na pesquisa apenas para transmitir uma imagem de “sofisticação”, acabando por não ser devidamente aproveitados e por constituir perdas de tempo e dinheiro.

Para além deste conjunto de pressupostos, Loizos propõe que, antes de usar a fotografia ou o vídeo na pesquisa sociológica, o investigador seja capaz de formular e responder a oito questões²⁰:

1. Será a utilização da fotografia/vídeo útil para a optimização dos resultados da minha pesquisa?

2. Posso os meios e as competências para assegurar - eu próprio/a - o processo fotográfico/de gravação em boas condições?

3. Calculei o tempo necessário à análise dos resultados obtidos?

4. Montei um sistema de indexação/catalogação capaz de assegurar uma correcta gestão, manuseamento, tratamento e análise dos materiais recolhidos?

5. Defini critérios claros de classificação e análise dos materiais recolhidos?

6. Expliquei claramente às pessoas que vou fotografar/filmar os meus objectivos?

7. Pedi autorização para publicar os materiais recolhidos? Tenho direitos de cópia sobre materiais dos quais não sou autor/a?

8. Preciso de obter mais informação sobre direitos de imagem e publicação de materiais visuais?

Acima de tudo, o investigador social interessado em enriquecer o dispositivo técnico da sua pesquisa com o recurso à fotografia deve ter sempre presente que “o que deve ser considerado é a forma através da qual as características do mundo social acessíveis ao olhar - e não a sua representação em imagens fotográficas - constituem elementos para investigação”²¹.

4. Conclusão

Tivemos já oportunidade de sublinhar a importância da promoção, na pesquisa sociológica, da *circularidade* das relações entre a reflexão teórica e os processos de demonstração empírica. A flexibilidade imprimida à pesquisa pela imbricação das diferentes tarefas e pela sobreposição dos diferentes momentos que compõem o esforço sociológico de problematização da realidade social torna a investigação necessariamente mais rica e heurística, na medida em que possibilita a sua adaptação aos exigentes desafios que a complexidade do objecto de estudo continuamente lhe coloca.

Neste sentido, a constituição de um dispositivo técnico diversificado e inovador afigura-se um elemento indispensável ao alargamento do *horizonte de possibilidades* da investigação. Importa, contudo, não esquecer que a pesquisa sociológica é tudo menos um exercício *tecnocrático* de descrição do real e que só através de um quadro teórico e conceptual plenamente assumido pode um dado objecto tornar-se informação a captar pelo olhar sociológico. Da *reificação* das técnicas

²⁰ Cf. Peter Loizos, *art. cit.*, p. 106.

²¹ Michael Emmison e Philip Smith, *Researching The Visual. Images, objects, contexts and interactions in social inquiry*, Londres, Sage Publications, 2000, p. 4.

mobilizadas ao longo do processo de demonstração empírica resulta geralmente a recolha e *construção* de “informação” que mais não é do que o reflexo aparentemente neutro das nossas próprias assunções, opiniões e mundividências.

5. Para saber mais: algumas referências bibliográficas

- BAILEY, Carol A., *A Guide To Field Research*, Thousand Oaks, Sage Publications, 1996.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George, *Qualitative Researching With Text, Image and Sound. A practical handbook*, Londres, Sage Publications, 2000.
- BECKER, Howard S., *Exploring Society Photographically*, Chicago, University of Chicago Press, 1981.
- BURGESS, Robert, *A Pesquisa de Terreno. Uma introdução*, Oeiras, Celta Editora, 2001.
- CARIA, Telmo H. (org.), *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 2002.
- DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S., *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks, Sage Publications, 1994.
- EMERSON, Robert M., FRETZ, Rachel I. e SHAW, Linda L., *Writing Ethnographic Field Notes*, Chicago, The University of Chicago Press, 1995.
- EMMISON, Michael e SMITH, Philip, *Researching the Visual*, Londres, Sage Publications, 2000.
- GLASER, G. Barney e STRAUSS, Anselm L., *The Discovery of Grounded Theory*, Nova Iorque, Aldine/De Gruyter, 1967.
- MERTON, Robert, *Éléments de Théorie et de Méthode Sociologique*, Paris, Plon, 1965.
- LEE, Raymond M., *Métodos Não Interferentes em Pesquisa Social*, Lisboa, Gradiva, 2003.
- LOPES, João Teixeira, *A Cidade e a Cultura*, Porto, Afrontamento, 2000.
- PAIS, José Machado, *Sociologia da Vida Quotidiana*, Lisboa, ICS, 2002.
- PERETZ, Henri, *Les Méthodes en Sociologie. L' Observation*, Paris, Éditions La Découverte, 1998.
- PINK, Sarah, *Doing Visual Ethnography*, Londres, Sage Publications, 2001.
- PINTO, José Madureira, “Questões de Metodologia Sociológica (I), (II), (III)”, in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.ºs 1, 2 e 3, 1984 e 1985.
- SCHATZMAN, Leonard e STRAUSS, Anselm L., *Field Research. Strategies for a natural sociology*, Englewoods, Prentice Hall, 1973.
- WAGNER, J., *Images of Information. Still photography in the social sciences*, Beverly Hills, Sage Publications, 1979.